



centro de
dramaturgia
contemporânea

TÍTULO

Quando a Noite Cai **Quando La Noche Cae**

AUTOR

Luís Mestre

ANO

2011

2015 Coimbra

OS TEXTOS DISPONIBILIZADOS PELO CENTRO DE DRAMATURGIA CONTEMPORÂNEA NÃO TÊM FINS COMERCIAIS. QUALQUER UTILIZAÇÃO PARCIAL OU TOTAL DO TEXTO, COM VISTA A UMA APRESENTAÇÃO PÚBLICA, COMERCIAL OU NÃO, DEVE OBRIGATORIAMENTE SER COMUNICADA AO AUTOR OU AO SEU REPRESENTANTE LEGAL. PARA ESTE EFEITO CONTACTE POR FAVOR O CENTRO DE DRAMATURGIA CONTEMPORÂNEA.

EDIÇÃO

Centro de Dramaturgia Contemporânea

www.uc.pt/org/centrodramaturgia

AUTOR

Luís Mestre

IDENTIDADE VISUAL / CONCEPÇÃO GRÁFICA

António Barros

Pedro Góis

© Julho 2015
Centro de Dramaturgia Contemporânea



centro de
dramaturgia
contemporânea

TÍTULO

Quando a Noite Cai Cuando La Noche Cae

AUTOR

Luís Mestre

ANO

2011

Menção honrosa Prémio Luso-brasileiro
António José da Silva (Camões | Funarte) 2013.
Menção honrosa do Concurso INATEL
/ Teatro Novos Textos 2011.

2015 Coimbra



Luís Mestre

1974. É encenador, dramaturgo, ensaísta, docente do Mestrado em Estudos de Teatro na FLUP, investigador colaborador do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (ILCML-FLUP) e professor de teatro e história da cultura e das artes do Balleateatro Escola Profissional. Doutorando em Estudos Artísticos na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e Mestre em Estudos de Teatro na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Como dramaturgo recebeu vários prémios e distinções nacionais e internacionais. Tem diversas publicações em português, francês e castelhano destacando-se a sua obra reunida em *Teatro* com prefácio de Alexandra Moreira da Silva e *Do precipício tempestuoso* de Ricardo III com prefácio de António Durães, publicações Húmus. É director artístico do Teatro Nova Europa desde 2004.

—

PERSONAGENS:

ANTÓNIO, cinquentas

LUÍS, trintas

ANDREIA, trintas

SIMÃO, uma criança

Algumas porções do diálogo aparecem em parêntesis, e servem para marcar uma pequena mudança de perspectiva por parte do emissor – uma mudança momentânea para um modo mais introspectivo.

UM

*Dia. Uma sala muito pequena num primeiro andar, apenas com uma porta de saída ao fundo e uma janela para a rua à esquerda. Junto à janela, uma série de riscos na parede em grupos de cinco, como se fosse uma espécie de contagem. Os riscos são em grande número. **ANTÓNIO** está sentado numa cadeira de rodas e, com um pano no seu colo, limpa cuidadosamente uma pistola montando-a e desmontando-a várias vezes. **Luís**, sentado numa cadeira, lê o jornal. Ouve-se, mais ou menos distante e durante uns momentos, o som de um helicóptero. Silêncio.*

ANTÓNIO

ainda no outro dia
estava um sol lindo
fui dar uma caminhada pela mata.
esticar as pernas.
não sabia que ainda havia tantos
carvalhos-alvarinhos.
e tão viçosos.
bonitos.

pausa curta

já não saía daqui há algum tempo.
fiz-me ter saudades
de quando estava no exército.
aquela solidão,
nós e a mata
e o cheiro
o cheiro das coisas boas
da natureza
misturado com uma tensão
insuportável.
podíamos cheirar a morte.
eu
conseguia cheirar a morte.
um odor peganhento
que se cola à pele.

pausa

já alguma vez a cheiraste?
não. como podias?
és um miúdo da cidade.
urbano, não é?
que não distingue uma ovelha de um cão.

pausa curta

sabes quantas raças de cães existem?

pausa

ou de ovelhas?

Silêncio

estava eu a dizer:
que a mata ainda tem o cheiro
de coisas boas.
adorava a mata quando era miúdo.
subia às árvores
montes delas.
conhecia-as todas.
ficava horas sentado nelas.
a ouvir.
às vezes ouvia coisas.
depois, de repente,
o silêncio.
e aí ouvia o meu coração.
já alguma vez ouviste o teu coração?
depois barulhos ensurdecedores
de máquinas
e humanos
aí eu não ouvia nada.
nem respirava
ficava sem ar.
depois
outra vez
tudo calado.
e de repente,
ouvia
um batimento cardíaco
mas não era o meu coração.
era de alguém
outra pessoa.
o pior
era depois dos barulhos
o pior era
quando
um coração parava.
como uma porta.
como se alguém batesse a porta
com força
e mais nada.
depois mais nada.
fica tudo fechado.
fecha tudo.
tudo.
tudo fechado.
encerrado.

não se ouve mais nada
mais batimentos.
(não fazes ideia,
nunca ouviste o teu coração.)

pausa

queríamos uma paz
uma paz de ferro.
e foi o que fizemos.
o que conseguimos.
(que idade tinha?)
era novo
mais novo do que tu.
pela mata
a ouvir corações.
e agora isto tudo.
tudo lá fora.

silêncio curto
mais de duzentas.
raças.
mais de duzentas raças de cães.

Silêncio

(odeio-os a todos.)
esses oficiais,
soldados de cidade...
nem guerrear sabem.
e agora
andam com cães
com uns presa canário.
são como uma peste negra
em forma de animal.
uma espécie de pitbull
mas com o dobro do tamanho
e com uma dentada de tesoura mais forte.
uma coisa assassina com quatro patas.
quem se lembra de ir buscar cães às Canárias?
um cão espanhol
ilhéu
para morder o pescoço português.

Silêncio

deviam ir todos para a mata
para perceber como se guerreia
o que é a guerrilha.
mas tu não sabes nada disso,

—
pois não?
serviram-te uma paz de ouro
numa bandeja de prata.

pausa

já te roubaram a bandeja
estás à espera de quê
aí sentado?
que te levem o ouro?
a mim não me levam nada.
eles que venham.
estarei preparado.
para eles e para os cães.
uma revolução
o caos e tu?
a ler o jornal.
maldito dia em que te mandei para a escola.
ficaste um intelectual
que não suja as mãos.
que tem medo de sangue
de ver sangue
desmaias, não é?
pedes sempre
o bife bem passado,
para não teres tonturas à mesa.

pausa

queres uma arma?

pausa curta

faz uns disparos.
sente o gosto amargo
na boca
o gosto amargo
da adrenalina.

pausa curta

preferes uma salada
a um bife
mal passado.

silêncio longo

estás a ler
o quê?
já apanharam
mais?
como lhes chamam?

LUÍS

dissidentes.

ANTÓNIO

isso.
são cidadãos
cidadãos
com segundo rótulo.
como incomodam
têm opinião diferente
chamam-lhes isso.
ou isso ou ovelhas.
como tu.
embora nunca tenhas visto uma.

ri

o que diz mais?

Silêncio

lê.

pausa curta

lê o jornal.

LUÍS

porque não levantas esse teu corpo nojento
dessa maldita cadeira de rodas
e vais comprar o teu próprio jornal?

silêncio curto

ANTÓNIO

seu cabrão.

pausa

quando te apanhar um dia destes...
quanto te apanhar
vais levar
levar umas palmadinhas nesse rabo.

LUÍS

estou louco para que chegue o dia...

*silêncio curto. Ouve-se, agora menos distante e durante uns momentos,
o som de um helicóptero*

ANTÓNIO

eles andam no distrito.
filhos da puta.
à pesca.
como se isto fosse um lago.
a ver o que encontram.

termina a limpeza da pistola

pronto
terminei.

DOIS

*Dia. **António** está sentado na cadeira de rodas. **Andreia**, de pé à janela, fuma um cigarro.*

ANDREIA

é horrível,
não é?
fica-se tão
vulnerável.
ficas com o peito
e coração abertos
e a outra pessoa
pode entrar dentro de ti
e revolver-te por dentro.
constróis
todas essas defesas,
constróis
uma armadura
que te cobre
protege
de alto a baixo
para que ninguém te possa
ferir,
e depois
uma pessoa estúpida,
igual a qualquer
outra pessoa
estúpida,
atravessa-se na tua estúpida vida...
dás-lhes
um
bocado de ti.
não to pediram.
fizeram um dia
uma estupidez qualquer,
como beijar-te ou sorrir-te,
e a tua vida
deixou daí em diante
de ser tua.
o amor
faz reféns.
entra dentro de ti.
come-te e deixa-te a chorar no escuro,
e é assim
que uma simples frase
do estilo,
talvez devêssemos

—
ser só amigos,
se transforma num estilhaço
que te vai direito ao coração.
dói.
não é só imaginação.
não é só mental.
é uma dor de alma,
uma dor real
que te invade e
te rasga e
te parte.
odeio o amor.

ANTÓNIO
e o puto?

ANDREIA
o miúdo?

ANTÓNIO
sim.
onde entra aí?

ANDREIA
mais um
estilhaço.
pensas
percebes,
estou grávida.
e não entendes
o que é pior,
o abandono
a amizade pedida
e estúpida
ou um peso a mais na tua vida.
e depois ficas vulnerável.
não com peito aberto
mas uma coisa diferente.
tens um prolongamento de ti
ali
sempre
e não queres que
fique com o coração
partido
que receba estilhaços.
mas sabes que,
mais tarde ou mais cedo,

—
vais fazer asneira
e ele vai ser
irremediavelmente atingido.
e depois,
o olhar muda,
consegues ver nos olhos
a desilusão.
o olhar a dizer,
como deixaste
que isto me acontecesse.
e sentes que está tudo perdido.

pausa curta

e por vezes, imaginas
que devia ter sido
um estilhaço verdadeiro
e acabava-se logo tudo ali:
o peso,
a desilusão,
o prolongamento.
ficava resolvido.
ficava com a vida resolvida.
teria só os meus estilhaços
directos ao coração.
e fazias da tua vida
da tua viagem
uma coisa a solo,
tentavas fazê-lo,
até que alguém estúpido
acabaria por fazer
qualquer coisa estúpida
e começava tudo de novo.
e logo
mais uns estilhaços.
fica-se como que
à espera,
mais tarde ou mais cedo,
é inevitável.
até que um dia,
lá longe,
páras
por qualquer coisa
igualmente estúpida
olhas para trás
e percebes
que tens a vida
toda fodida.

—
uma acumulação
de erros.
e pensas:
és igualmente estúpida.

Pausa

ANTÓNIO
estás doente?

ANDREIA
doente?

ANTÓNIO
doente.
não tens doenças, pois não?
pausa curta

nada venéreo
nada incurável.

ANDREIA *pausa*
são os estilhaços,
que não têm cura.

TRÊS

Dia. Há mais dois riscos na parede. António está sentado na cadeira de rodas. Luís, sentado na cadeira, lê o jornal. Ouve-se, mais ou menos distante e durante uns momentos, o som de um helicóptero. Silêncio.

ANTÓNIO

as ruas estão cada vez mais sujas.
deixam tudo porco.
já não há ninguém para limpar as ruas?
já que importam cães podiam importar porcos também.
não comem todo o tipo de lixo?

Silêncio

já não se pode esticar as pernas na cidade
nas ruas.

pausa

as pessoas já não andam como dantes
parecem que estão todas num funeral.
caminham como os parentes do morto.
parece que têm medo de pousar os pés.
caminham nas pontas dos pés
e quando percebem que não chamaram a atenção
que não fizeram barulho
pousam o resto do pé.
mas sem pressas em voltar a usar o outro
para avançar.
como se estivessem satisfeitas por terem pousado o pé,
aquele pé.
e depois finalmente, quando levantam o outro pé,
para avançar
para andar
mover
demoram uma eternidade
a pousá-lo de novo.
como se não soubessem andar
como se tivessem de aprender tudo de novo.
e quando pousam
de novo
na ponta do pé,
parece um bailado
mas monótono.

pausa

estava a dizer,
que
parece que têm medo de pisar
um ninho de vespas.

pausa

patéticos.

pausa curta
andava eu no meio daquela gente
a esticar as pernas
passo largo
parecia um gafanhoto
ficaram
mesmerizados.

pausa curta

sabes o que isso quer dizer?

pausa

dei uma volta ao bairro
várias até
até ficar vazio.
com o final do dia
a coisa esvazia.
ah não
não esvazia...
e as ruas ainda mais sujas.
escondi-me num beco
numa entrada
num canto.
e esperei.
até que apareceram
e
matei dois
e surripiei-me para aqui.

pausa longa

diz aí alguma coisa
sobre a praça
ou o jardim?

silêncio curto

não percebo.
não percebo como se pode mudar
uma praça
e um jardim inteiro
pedra a pedra
de um ponto da cidade para outro.
porque fazem isso?

pausa curta

de repente chegas à praça e...
estão a construir algo

alguma coisa.
não se percebe o quê
não se consegue ver
por causa
dos resguardos
não se vê mas
ouve-se.
há ali máquinas
maquinaria
fizeram-me lembrar
tanques
o solo a vibrar.
o metal quente
a vibrar na nossa direcção.
mas...
mudar uma praça.
inteirinha.
de um ponto da cidade para o outro.

pausa

até as árvores
e os pássaros.
o barulho
os sons do parque
são os mesmos.
são os mesmos pássaros.
e chilreiam da mesma forma.
são os mesmos pais
os mesmos carrinhos
com os bebés
as mesmas crianças
mudaram tudo.
para o outro lado da cidade.
não reparaste nisso?

pausa

não viste isso?
não...
sais todos os dias
e não reparas.
não diz nada aí?

Silêncio

mas estás a ler o quê?
porque não procuras um trabalho?

—

LUÍS

é o que estou
a tentar fazer.

ANTÓNIO

ah sim?
alguma coisa para ti?

pausa

aposto que há montes
de coisas
nos classificados
mas nada para ti.
o que há não serve
é mau demais.
mereces melhor.
não é isso?
são essas as desculpas
dos parasitas
dos falhados.
qual é a tua?

Silêncio

porque não vais limpar as ruas?
devem precisar de gente
para isso.

pausa curta

pega numa vassoura
e põe-te a trabalhar.
sustenta a tua família
a tua mulher
e o puto
merecem melhor.
queres uma vassoura?

pausa

eu compro-ta.
podes varrer-te daqui para fora.

QUATRO

*Dia. **ANTÓNIO** está sentado na cadeira de rodas, com Simão no seu colo. **ANDREIA**, sentada na cadeira, observa-os.*

ANTÓNIO

gostas de correr?
de fazer corta-mato?
aposto que tens um grande motor aí dentro.
imparável,
como o avô.

pausa

gostas do mato?
e das árvores
aposto que sim.
temos de ir correr um dia destes
eu e tu.
aposto que me vences.
já estás um homem.

pausa

o que queres ser quando fores grande?

SIMÃO

um soldado.

ANTÓNIO

algo surpreso

(um oficial.)
porquê?

SIMÃO

para ter um cão.

ANTÓNIO

gostas de cães?

SIMÃO

muito.
e quero ter uma pistola
também.

ANTÓNIO

uma pistola?

SIMÃO

sim,
daquelas

indicando a cintura

de pôr aqui.

ANTÓNIO

mas para ter uma pistola
não precisas de ser um oficial...

silêncio curto

ora vê.

*retira a pistola do assento da cadeira de rodas e mostra-a a **SIMÃO**.
ANDREIA fica incomodada.*

toma.

SIMÃO

pegando na pistola com ambas as mãos

é pesada.
e dura.

ANTÓNIO

a tua é de plástico...
e não tem balas.

SIMÃO

a minha tem balas.

ANTÓNIO

esta também.

SIMÃO

e matam.

ANTÓNIO

matam pois.
se apontares bem
e acertares.
sim,
matam.

SIMÃO** aponta a pistola à **ANDREIA

e agora?

pausa

carrega no gatilho.

***Simão**, depois de um enorme esforço com a ajuda de vários dedos, consegue carregar no gatilho. Ouve-se um estalido seco.*

ANDREIA, assustada, dá um salto curto na cadeira.

Silêncio curto

está travada.

tira-lhe a pistola

queres matar a tua mãe?

pausa curta

sai miúdo

vai brincar lá para fora.

SIMÃO salta do colo do avô e sai.

ANTÓNIO e **ANDREIA** ficam sós.

Olham-se

CINCO

Noite. A sala está escura, apenas iluminada pela luz que vem da janela. **ANTÓNIO** está sentado na cadeira de rodas, em silêncio, como que à espera. Uns momentos depois, ouvem-se uns latidos lá fora, na rua. Calmamente e sem fazer qualquer barulho, **ANTÓNIO** desloca-se na cadeira de rodas para perto da janela. Enquanto faz isto, os latidos cessam. António sentado e em silêncio, observa a rua. Silêncio longo, após o qual os latidos recomeçam. Sem nenhum esforço, com uma enorme precisão e sem qualquer som, **ANTÓNIO** levanta-se da cadeira de rodas, abre a janela muito devagar e retira a pistola do assento da cadeira de rodas. Os cães continuam a latir. **ANTÓNIO** espera o momento certo para atirar. Segue-se um momento bastante tenso, durante o qual aponta e dispara e acerta num dos cães, que gane. Logo de seguida, e sem qualquer pressa fecha a janela. Escuro.

SEIS

*Dia. Há mais um risco na parede. **ANTÓNIO** está sentado na cadeira de rodas e **LUÍS** na cadeira. Ambos com um jornal, cada um lendo o seu. Durante a cena, ouve-se, mais ou menos distante, o som de um helicóptero que parece vigiar a zona.*

ANTÓNIO

mudaram a praça
porque era bonita demais
para esta parte da cidade.
o jardim, dizem,
era bom demais.
pois há
demasiados pobres
e desalojados
nesta zona
que conspurcavam tudo.
são pobres
têm fome
não têm dinheiro
e têm cães,
viralatas.
que conspurcam o jardim.
homens e cães
a conspurcar.
não faço ideia
como se conseguem alimentar.
como alimentam os cães.

pausa

e lá se foi.
a praça,
o jardim.
malditos cães,
foda-se.

silêncio. folheia o jornal

o desporto?
já não se faz desporto.

LUÍS

os ajuntamentos populares
são proibidos.

—
ANTÓNIO

e acabaram com o futebol?
agora faz-se o quê?
xadrez?

pausa

há quanto tempo?

LUÍS

o quê?

ANTÓNIO

as proibições.

LUÍS

desde que começaram
a soltar os cães
durante a noite.

ANTÓNIO

tanto tempo...

pausa

olha,
precisam
de varredores.
não exigem nada.
dá para ti,
não?

silêncio curto

página três,
dos classificados.

LUÍS

procuro
outra coisa.

ANTÓNIO

procuras
o que não há?

pausa curta

ou o que nunca vai aparecer?

pausa

porque não levantas esse cu
pegas numa vassoura
e comesas por varrer esta sala?

—

LUÍS

sou teu filho
não teu empregado.

ANTÓNIO

não preciso de ti aqui.
de um filho.
de uma ama-seca.
estás a ouvir?

pausa longa

ouves?

pausa curta

a tua mãe não te deu educação?
a tua santa mãe não te ensinou a ter maneiras?

pausa

se ela estivesse viva
não te comportavas assim.
mais vale ires ao cemitério
e cuspires na campa dela.
sim,
porque não levantas esse cu
sais daqui
passas pelo cemitério
e depois vais arranjar um trabalho.

Silêncio

sustenta a tua família.
trata da tua mulher.
compra um cão
ao puto.

—

SETE

Dia. António está sentado na cadeira de rodas, com Simão a seu lado.

ANTÓNIO
faço-te um avião.

SIMÃO
não pode ser um helicóptero?

ANTÓNIO
um helicóptero?
porquê
um helicóptero?

SIMÃO
é o que eles têm.

ANTÓNIO
eles.

SIMÃO
os soldados.

ANTÓNIO
os oficiais.

SIMÃO
helicópteros
e cães.

ANTÓNIO
e pistolas
também.

SIMÃO
sim,
também.

pausa

o meu pai
diz
que me vai dar
um cão.
nos anos.

ANTÓNIO

—
ah vai...

que cão... pausa

SIMÃO

interrompendo-o
um dos grandes.
dos que andam nas ruas.
dos que andam nas ruas
à noite.

Silêncio

ANTÓNIO

são bem grandes.

pausa
e o teu pai
prometeu...

SIMÃO

interrompe-o de novo
fazes um helicóptero?

ANTÓNIO

um avião.

retira uma folha de jornal do assento da cadeira de rodas
vamos lá
eu ensino-te.

OITO

*Dia. Há mais um risco na parede. **ANTÓNIO** está sentado na cadeira de rodas e **LUÍS** de pé, à janela, a observar a rua.*

ANTÓNIO

lembro-me
lembro-me quando tinhas cinco
seis anos,
a idade do teu puto,
quando havia paz e liberdade
liberdade física e de expressão
não importávamos cães
e a noite era como
um segundo dia
lembro-me que na praça
no jardim
no solstício de verão,
foi o último verão,
a diversão tinha chegado à cidade.
a festa, o circo, os carrosséis,
a música
tinha chegado à cidade
e aos nossos ouvidos também
e tu,
tu eras um miúdo,
saltavas empolgado
com os nossos passeios
nocturnos e diurnos.
na praça,
no jardim
agora parque de diversões,
carrosséis,
algodão doce,
palhaços,
foguetes,
balões,
um frenesim enorme,
uma enorme festa e tu...
querias
o carrossel.
eram minutos
voltas
infinitas
sentado no cavalo.

—
recordas-te?

pausa

lembro-me que
no solstício de verão
naquele verão
tudo foi diferente
foi naquela noite
seria dia ou noite
noite ainda dia,
os cães soltaram-se
soltaram-nos.

silêncio curto

de repente,
ao fundo do parque
os sons das crianças
os gritos das crianças
transformaram-se,
já não gritos de prazer
felicidade
divertimento
mas gritos de medo
e dor.
foi nesse dia
noite que era dia,
nessa noite
que os soltaram
que tomaram a cidade
que largaram os presa canário
sobre...
todos.
nós todos.
os balões
(havia balões por todo o lado)
esvoaçavam
como se o medo os elevasse.
confusão.
mães, pais.
gritos.
e de repente,
vejo,
perto,
um cão,
dois cães...
sobre o carrossel.
pego em ti,
eles lançam-se
pego em ti

—
eles lançam-se
sobre as crianças
sobre os miúdos,
os cavalos do carrossel
ficam...
começam a ficar vazios
choram sangue
a música pára
agarro-te
pego em ti
a minha mão
direita sobre os teus olhos.
recordas-te?

pausa

nesse dia,
de solstício,
a noite caiu.

silêncio curto.

*Ouve-se, mais ou menos distante, o som de um helicóptero que parece
vigiar a zona*

LUÍS

eles andam atrás
de ti.

NOVE

Noite. A sala está escura, apenas iluminada pela luz que vem da janela. **LUÍS** está sentado na cadeira de rodas, em silêncio, à espera. Ouvem-se uns latidos lá fora, na rua. Momentos depois, tiros. **LUÍS** levanta-se e vai à janela. Os cães continuam a latir. Após uns instantes, **ANTÓNIO** entra ofegante.

ANTÓNIO

foi por pouco.

eles andam mais perto.

são em maior número.

senta-se na cadeira de rodas a recuperar o fôlego
o que estás aqui a fazer?

LUÍS

mataste algum?

ANTÓNIO

como te disse

é cada vez mais difícil.

LUÍS

estão cada vez mais perto.

ANTÓNIO

cheiram-me.

LUÍS

medo?

ANTÓNIO

vê-se que nunca

cheiraste a morte.

pausa

mas afinal,

o que fazes aqui?

LUÍS

esperava-te só.

ANTÓNIO

bom,

já cá estou.

silêncio. olham-se

—
LUÍS
vou então.

ANTÓNIO
ótimo.

LUÍS
nem um?

ANTÓNIO
nada.

silêncio curto. LUÍS sai

DEZ

Dia seguinte. ANTÓNIO está sentado na cadeira de rodas, dorme. LUÍS, sentado na cadeira, lê o jornal. Ouve-se, muito perto e durante uns momentos, o som de um helicóptero.

ANTÓNIO

acordando, sobressaltado

bateram à porta.

estás a ouvir

ouviste?

silêncio curto

a porta,

ouviste?

vais abrir?

LUÍS

não.

ANTÓNIO

porque é que não vais abrir?

pausa

estás a ouvir?

porque é que não abres a maldita porta?

porque não abres a porta, seu cabrãozinho de merda?

LUÍS

não espero ninguém.

ANTÓNIO

pois eu também não.

abre lá a porta.

LUÍS

pausa longa

já lá não deve estar ninguém.

ANTÓNIO

observa a porta

quem será?

LUÍS

tens a certeza que ouviste a porta?

ANTÓNIO

achas que eu estou doido?

eu não ouvi nada.

eu ouvi.

silêncio. LUÍS continua a ler o jornal

olha,
bateram.
outra vez.

não ouvi nada.

bateram.
vêm-te buscar.
pausa
não vais abrir?

estás a gozar?
estás a gozar comigo
seu cabr...

interrompendo-o
eu não estou à espera de ninguém.
pausa curta
não vais abrir?
devias abrir.

devias aprender a ter respeito.

Silêncio

o que diz aí?
alguma novidade.

parece-te que colocam novidades aqui?

nos classificados.

—

LUÍS

nada novo.

silêncio longo

ANTÓNIO

sonhei que...
que eles entravam aqui dentro.
os soldados
com cães,
dezenas deles.

***LUÍS** pára de ler o jornal e olha para **ANTÓNIO**. Ouve-o atentamente*

os cães tinham...
tinham
nomes de pessoas.
das pessoas.
tinham colocado aos cães
o nome
da primeira pessoa
que eles...
chacinaram:
Ricardo,
Manuel,
César,
Rolf,
deve ter matado um alemão,
Margarida,
Gonçalo...
no meio deles,
já te disse que eram dezenas?
havia um sem nome.
um presa canário
sem nome.
e um oficial,
dizia que
lhe ia chamar António.

pausa

tentei sacar a pistola
mas o meu corpo
o meu braço
pulso
sucumbiram
a pistola pesava
toneladas.
tentei
com todas as minhas forças.
ambas as mãos

e
finalmente consigo
e aponto,
a pistola
que treme
com o meu corpo.
e aponto ao oficial
que dizia
o meu nome,
chamando por mim
e pelo cão.
o gatilho
era ferro,
tento apertá-lo
com um dedo
vários dedos,
era aço.
pedra.
a pistola era
pedra e aço.
e não resisti.
não disparei.
e fez-se silêncio.
a sala cheia de cães
soldados
o oficial
todos num absoluto silêncio
olhavam-me
como se soubessem
que eu não conseguiria
disparar.
não poderia.
e neste silêncio
(nem um helicóptero se ouvia)
de repente,
consegui perceber
escutar o meu coração.
todos na sala
escutavam o meu coração
atentamente.
tudo isto
misturado com uma tensão
insuportável.
podíamos cheirar a morte.
eu
consequia cheirar a morte.
(a minha morte.)

—
como um odor peganhento
que se cola à pele.
de repente,
o meu coração parava.
como uma porta.
como se alguém batesse à porta
com força
e mais nada.
depois mais nada.

ONZE

*Dia. **ANTÓNIO** está sentado na cadeira de rodas. **ANDREIA** de pé, perto da porta da entrada, tem uma pequena mala a seu lado.*

ANTÓNIO
vais embora.

ANDREIA
de vez.

ANTÓNIO
e ele? e eu?

ANDREIA
não posso mais.

ANTÓNIO
e o puto?

ANDREIA
não aguento mais estilhaços.
silêncio curto

ANTÓNIO
ele sabem?

ANDREIA
vão perceber.

ANTÓNIO
vão perceber
o quê?
que não estás,
que desapareceste,
que foste embora?

ANDREIA
que não fico cá.
que não ficarei aqui.

ANTÓNIO
e para onde vais?

ANDREIA
não sei.

—

ANTÓNIO

sabes.

ANDREIA

não te digo.

ANTÓNIO

devias levá-lo.

ANDREIA

o quê?

ANTÓNIO

o puto.

ANDREIA

como poderia...

ANTÓNIO *interrompendo-a*

leva-o.

ANDREIA

não posso.

olhando a sala e vendo os riscos

isto vai terminar

um dia.

ANTÓNIO

talvez. não penso nisso.

ANDREIA

eles andam perto.

ANTÓNIO

tu

queres que vá contigo?

é isso.

ANDREIA

não.

não faças nada estúpido.

não faças mais nenhuma estupidez.

não faças nada.

só quero sair daqui.

não digas nada.

não digas mais nada.

DOZE

*O sol começa a pôr-se. **ANTÓNIO** está sentado na cadeira de rodas. À janela, embora não o vislumbremos bem, um soldado a observar o exterior. Numa das suas mãos, uma trela de um cão.*

ANTÓNIO

estava eu a
dizer
não faço ideia quem mata os cães,
sabe?
animais tão belos.
importados,
não são?
tenho acompanhado
tudo pelos jornais.
uma perda enorme.
vou tomando nota
do número deles.

acenando com a cabeça na direcção dos riscos

olhe aí.
a nossa perda.

pausa

esses cabrões
dissidentes,
nem cidadãos
deviam ser.
deviam ser...

interrompe-se. Pausa curta. Com ar repugnado

mediócras
culpam tudo
menos a si próprios.
nós comportamos,
essa
anti-elite
de inadaptados.
essa escória.
esse lixo.

pausa

sabe,
esses delinquentes
os dissidentes
e os heróis
saem
da mesma espécie humana.
acredito nisso.

acredito fielmente nisso.

pausa curta

o meio e as circunstâncias
é que fazem com que o tal jovem
milite ou seja um vadio.
é uma escolha.
ele
escolhe.

pausa longa

o Homem contém
em si
as melhores virtudes
e os mais baixos instintos.
a arte de ser um bom cidadão
consiste em favorecer umas e conter outras.
tem que se reforçar
pela existência
de uma moral,
de uma disciplina.
sem isso...

*é interrompido pelo soldado que se volta na direcção dele.
O soldado é Luís.*

Pausa

então?

rindo

não fui convincente?

pausa curta

fui longe demais.

pausa

bom, tira lá isso.
não suporto o uniforme.
(não consigo imaginar onde arranjaste um.)

pausa curta

não percebo
onde foste buscar
a ideia
de aparecer-me aqui mascarado de...

LUÍS

eu alistei-me.

ANTÓNIO *surpreendido*

o quê?

LUÍS

sou agora um soldado.

Silêncio

ANTÓNIO

naquela noite,
tudo mudou.
eu mudei.
toda a cidade mudou.
mas agora,
olhando-te
de novo
vendo-te bem
penso que
talvez
nada tenha mudado.
não passa tudo de...

interrompe-se. Pausa

eu e pessoas
como eu
os dissidentes
somos apenas dinossauros,
é isso?

pausa curta

e vocês,
porque tu és agora um deles,
a idade do gelo
que os eliminou.
que os elimina.
um a um.
vocês
o prolongamento
da natureza.
que toma o seu rumo.
não passa tudo de...
de um curso normal,
não é,
dos mais fortes sobre os mais fracos.

pausa curta

mas os mais fortes
não deveriam defender os mais fracos?

pausa

como pudeste fazer-me isto?
não te recordas daquela noite?
em que eras o mais fraco?
e que continuas a ser...

LUÍS

já não sou mais.

—

ANTÓNIO

um uniforme
não vai alterar isso.
ou um cão.

LUÍS

este uniforme
e esta trela
vão alterar tudo.
a minha vida.
a do meu filho.
tudo.
e tu,
ficarás impotente
a ver tudo isso.
tal como no teu sonho.

ANTÓNIO

bom...
finalmente,
conseguiste um emprego,
um trabalho...

LUÍS

interrompendo-o e corrigindo-o
o trabalho.

Silêncio

ANTÓNIO

onde está o cão?

LUÍS

lá em baixo.
com o Simão.

pausa
consigo vê-los daqui.
Pausa

ANTÓNIO

tem nome?

LUÍS

ainda não.
mas vai ter
em breve.

ANTÓNIO

tu estás doido.

sai daqui.

pausa

vais viver

a tua vida toda

como um soldado.

LUÍS

como um oficial.

vou ser promovido.

ANTÓNIO *rindo*

promovido.

já?

LUÍS

sim.

vai ser rápido.

ANTÓNIO

sai.

LUÍS

não posso.

estou à espera.

ANTÓNIO

o quê?

LUÍS

estou à espera que anoiteça.

silêncio curto

ANTÓNIO

denunciaste-me?

pausa curta

sou o teu pai,

seu cabrão de merda.

saca a pistola do assento da cadeira de rodas e aponta-a a LUÍS sai.

LUÍS

não.

ANTÓNIO

meto-te um balázio

no meio dos olhos.

—
LUÍS

não vais fazer isso.

ANTÓNIO

não?

LUÍS

não vais conseguir fazê-lo.

pausa

ANTÓNIO

como sabes isso?

LUÍS

a noite cai.

vão soltar os cães.

e eu

oiço o teu coração.

escuro lento

Cuando La Noche Cae

2011

Una obra de Luís Mestre

Traducción de Piedad Montero.

Mención Honorífica en el Concurso INATEL

/ Teatro Nuevos Textos 2011.

—

PERSONAJES:

ANTONIO, cincuenta y tantos

LUIS, treinta y tantos

ANDREA, treinta y tantos

SIMÓN, un niño

Algunos trozos de diálogo aparecen en paréntesis y sirven para marcar un pequeño cambio de perspectiva por parte del emisor – un cambio momentáneo para un matiz más introspectivo.

UNO

*Día. Sala muy pequeña de un primer piso, solo con una puerta de salida al fondo y una ventana que da a la calle a la izquierda. Junto a la ventana, una serie de marcas o rayas en la pared en grupos de cinco, como si fuese un tipo de cuenta. Hay un gran número de marcas. **ANTONIO** está sentado en una silla de ruedas y, con un paño entre sus manos, limpia con mucho cuidado una pistola montándola y desmontándola varias veces. **LUIS**, sentado en una silla, lee el periódico. Se oye, más o menos distante y durante unos segundos, el sonido de un helicóptero. Silencio.*

ANTONIO

cuando el otro día todavía
hacía un sol bueno
fui a dar una vuelta por el bosque.
a estirar las piernas.
no sabía que todavía había tantos
robles de esa especie
y tan vigorosos
tan bonitos.

pausa corta

hacía algún tiempo que no salía de aquí.
me hace echar de menos
mi tiempo en el ejército.
aquella soledad,
nosotros y el bosque
y el olor
el olor de las cosas buenas
de la naturaleza
mezclado con una tensión
insuportable.
podíamos oler la muerte.
un olor pegajoso
que se adhiere a la piel.

pausa

¿alguna vez lo has olido?
no. ¿cómo podrías?
tú eres un chico de ciudad.
urbanita. ¿no se dice así?
que no distingue una oveja de un perro.

pausa corta

¿sabes cuántas razas de perro existen?

pausa

¿o de ovejas?

silencio

estaba diciendo:
que el bosque tiene el olor
de las cosas buenas.

me encantaba ir al bosque cuando era niño.
me subía a los árboles
a todos
los conocía todos.
me quedaba horas subido allí.
oyendo.
a veces oía cosas.
luego, de repente,
el silencio.
y ahí escuchaba mi corazón.
¿alguna vez has escuchado tu corazón?
después sonidos ensordecedores
de máquinas
y humanos
ahí yo no oía nada.
ni respiraba
me quedaba sin aire.
después
otra vez
no se oía nada.
y de repente,
oía
un latido cardíaco
pero no era mi corazón.
era el de alguien
de otra persona.
lo peor
venía después de los ruidos
lo peor era
cuando un corazón se paraba.
como una puerta.
como si alguien llamase a la puerta
con fuerza
y nada mas.
después nada más.
todo se queda cerrado.
se cierra todo.
todo.
todo cerrado.
todo clausurado.
no se oye nada más
más latidos.
(no te haces una idea,
nunca has oído tu corazón).

pausa

queríamos una paz
una paz de hierro.

y fue lo que hicimos.
lo que conseguimos.
(¿cuántos años tenía?)
era joven
más joven que tú.
por el bosque
oyendo corazones.
y ahora todo esto.
todo lo de ahí afuera.

silencio corto

más de doscientas.
razas.
más de doscientas razas de perros.
(los odio a todos).
esos oficiales,
soldados de ciudad...
ni pelear saben.
y ahora
andan con perros
con unos presa canario.
son como la peste negra
en forma de animal.
una especie de pitbull
pero con el doble de tamaño
y con una dentadura de tijera mas fuerte.
una cosa asesina con cuatro patas.
¿quién se acuerda de cuando se iba a buscar perros a las Canarias?
un perro español
isleño
para morder el cuello portugués.

Silencio

todos deberían ir al bosque
para entender cómo se lucha
lo que es la guerilla.
pero tú no sabes nada de eso
¿verdad?

te sirvieron una paz de oro
en una bandeja de plata.

pausa

ahora te han robado la bandeja
¿qué es lo que estás esperando
ahí sentado?
¿qué te lleven el oro?
a mí no me llevaron nada.
cuando ellos vengan

estaré preparado.
para ellos y para los perros.
una revolución
el caos ¿y tú?
leyendo el periódico.
maldito sea el día en que te mandé a la escuela.
te convertiste en un intelectual
que no se ensucia las manos.
que tiene miedo de la sangre
de ver sangre
te desmayas ¿verdad?
siempre pides
el filete bien pasado,
para no tener mareos en la mesa.

pausa

¿quieres un arma?

pausa corta

haz unos disparos.
siente el gusto amargo
en la boca
el gusto amargo
de la adrenalina.

pausa corta

prefieres una ensalada
a un filete
poco hecho.

silencio largo

¿qué estás
leyendo?
¿ya cogieron
a más?
¿cómo les llaman?

LUIS

disidentes

ANTONIO

eso.
son ciudadanos
ciudadanos
con un segundo rótulo.
como incomodan
tienen opinión diferente
les llaman eso.
o eso u ovejas.

—
como tú.
aunque nunca hayas visto una.
ríe
¿qué más dice?

Silencio

lee
pausa corta
lee el periódico.

LUIS

¿por qué no levantas tu asqueroso cuerpo
de esa maldita silla de ruedas
y vas a comprarte tu propio periódico?
silencio corto

ANTONIO

pedazo de cabrón
pausa
cuando te coja un día de estos...
cuando te coja
te vas a llevar
un buen par de hostias.

LUIS

qué ganas tengo de que llegue ese día...
Silencio corto.

*Se oye, ahora menos distante y durante unos momentos, el sonido de
un helicóptero*

ANTONIO

están por el barrio.
hijos de puta.
a la pesca.
como si esto fuese un lago.
a ver lo que encuentran.
termina la limpieza de la pistola
listo.
terminé.

DOS

*Día. **ANTONIO** está sentado en la silla de ruedas. **ANDREA**, de pie junto a la ventana, fuma un cigarro.*

ANDREA

es horrible,
¿verdad?
se siente uno tan vulnerable.
te quedas con el pecho
y el corazón abiertos
y la otra persona
puede entrar dentro de ti
y revolverte por dentro.
construyes
todas esas defensas,
construyes
una armadura
que te cubre
te protege
de arriba abajo
para que nadie te pueda
herir,
y luego
una persona estúpida,
igual que cualquier
otra persona
estúpida,
se cruza en tu vida...
les das un poco de ti.
no te lo pidieron.
un día hicieron
una estupidez cualquiera,
como besarte o sonreírte,
y tu vida
dejó de ahí en adelante
de ser tuya.
el amor
hace rehenes.
entra dentro de ti.
te come y te deja llorando en la oscuridad,
y es así
como una simple frase hecha,
tal vez debiéramos
ser sólo amigos,
se transforma en una puñalada

—
que te llega directa al corazón.
duele.
no es sólo imaginación.
no es sólo mental.
es un dolor del alma,
un dolor real
que te invade y
te desgarrara y
te parte.
odio el amor.

ANTONIO
¿y el niño?

ANDREA
¿el niño?

ANTONIO
sí.
¿dónde queda en todo eso?

ANDREA
una puñalada
más.
piensas
te das cuenta,
estoy embarazada.
y no entiendes
qué es peor,
si el abandono
la amistad pedida
y estúpida
o un peso de más en tu vida.
y después te sientes vulnerable.
no con el pecho abierto
pero si de forma diferente.
tienes una prolongación de ti
ahí
siempre
y no quieres que
le partan el corazón
que reciba puñaladas.
pero sabes que,
mas tarde o mas temprano,
hará una estupidez
y va a ser
irremediabilmente alcanzado.

y después,
la mirada cambia,
consigues ver en los ojos
la desilusión.
la mirada que dice,
por qué dejaste
que esto me sucediera.
y sientes que todo está perdido.

pausa corta

y, a veces, imaginas
que debía haber sido
una puñalada verdadera
y que todo se acabara ahí:
el peso,
la desilusión,
la prolongación.
quedaba resuelto.
quedaba con la vida resuelta.
tendría solo mis puñaladas
directas al corazón.
y harías de tu vida
de tu viaje
una cosa en soledad,
intentarías hacerlo,
hasta que alguien estúpido
acabara por hacer algo estúpido
y todo empezara de nuevo.
y luego
unas puñaladas más.
te quedas como
a la espera,
más tarde o más temprano,
es inevitable.
hasta que un día,
muy lejano,
te paras
por cualquier cosa estúpida
miras hacia atrás
y te das cuenta
que tienes la vida
toda jodida.
una acumulación
de errores.
y piensas:
eres igual de estúpida.

pausa

—
ANTONIO

¿estás enferma?

ANDREA

¿enferma?

ANTONIO

sí, enferma.

¿no tienes ninguna enfermedad, verdad?

pausa corta

nada venéreo

nada incurable.

ANDREA

pausa

son las puñaladas,

que no tienen cura.

TRES

*Día. Hay dos rayas más en la pared. **ANTONIO** está sentado en la silla de ruedas. **LUIS**, sentado en la silla, lee el periódico. Se oye, más o menos distante y durante unos momentos, el sonido de un helicóptero. Silencio.*

ANTONIO

las calles están cada vez más sucias.
dejan todo hecho una porquería.
¿ya no hay nadie para limpiar las calles?
ya que importan perros podían importar cerdos también.
¿no se comen toda la basura?

Silencio

ya no se puede salir a estirar las piernas por las calles
de esta ciudad.

pausa

la gente ya no anda como antes
parece que están todos en un funeral.
caminan como los parientes del muerto.
parece que les da miedo apoyar los pies.
caminan de puntillas
y cuando se dan cuenta que no quieren llamar la atención
que no han hecho ruido
apoyan el resto del pie.
pero sin prisa para volver a usar el otro
para avanzar.
como si estuvieran satisfechos por haber apoyado el pie.
aquel pie.
y después finalmente, cuando levantan el otro,
para avanzar
para andar
para moverlo
tardan una eternidad
en apoyarlo de nuevo.
como si no supieran andar
como si tuvieran que aprender todo de nuevo.
y cuando apoyan
de nuevo
la punta del pie,
parece un baile
pero monótono.

pausa

estaba diciendo,
que

parece que están con miedo de pisar
un nido de avispas.

pausa

patéticos.

pausa corta

andaba yo en mitad de esa gente
estirando las piernas
con pasos largos
parecía un saltamontes
se quedaron
fascinados.

pausa corta

¿sabes lo que quiero decir?

pausa

di una vuelta al barrio,
varias hasta
hasta que se quedó vacío.
cuando llega el final del día
la cosa se despeja.
ah no
no se despeja...
y las calles todavía están más sucias.
me escondí en un callejón
en una entrada
en una esquina.
y esperé.
hasta que aparecieron
y
maté a dos
y me escabullí hasta aquí.

pausa larga

¿dice ahí algo
sobre la plaza
o el jardín?

silencio corto

no lo entiendo
no entiendo cómo se puede trasladar
una plaza
y un jardín entero
piedra por piedra
de un extremo de la ciudad para otro.
¿por qué hacen eso?

pausa corta

de repente llegas a la plaza y...
están construyendo algo
alguna cosa.
no se sabe qué

no se consigue ver
por culpa
de las vallas
no se ve pero
se oye.
hay allí máquinas
maquinaria
me hicieron recordar
los tanques
el suelo vibrando.
el metal caliente
vibrando en nuestra dirección.
pero...
mudar una plaza.
entera.
de un extremo a otro de la ciudad.

pausa

hasta los árboles
y los pájaros.
el ruido
los sonidos del parque
son los mismos.
son los mismos pájaros.
y cantan de la misma forma.
son los mismos padres
los mismos cochecitos
con los bebés
los mismos niños
cambiaron todo.
hacia el otro lado de la ciudad.
¿no te habías dado cuenta?

pausa

¿no lo habías visto?
no...
sales todos los días
y no reparas.
¿no dice nada ahí?

Silencio

¿pero qué estás leyendo?
¿por qué no buscas un trabajo?

LUIS

es lo que estoy
tratando de hacer.

—

ANTONIO

¿ah, si?

¿y hay algo para ti?

pausa

apuesto que hay montones

de cosas

en los anuncios

pero no hay nada ti.

lo que hay no sirve

es demasiado malo.

mereces algo mejor

¿no es eso?

esas son las excusas

de los parásitos

de los fracasados.

¿cuál es la tuya?

Silencio

¿por qué no vas a limpiar las calles?

tienen que necesitar gente

para eso.

pausa corta

coge una escoba

y ponte a trabajar.

sustenta a tu familia

a tu mujer

a tu hijo

merecen lo mejor

¿quieres una escoba?

pausa

yo te la compro.

puedes barrerte de aquí para fuera.

CUATRO

Día. **ANTONIO** está sentado en la silla de ruedas, con **SIMÓN** cogido. **ANDREA**, sentada en la silla, los observa.

ANTONIO

¿te gusta correr?
¿campo a través?
apuesto que tienes un motor enorme ahí dentro.
imparable,
como el abuelo.

pausa

¿te gusta el bosque?
¿y los árboles?
apuesto que sí.
tenemos que ir a correr un día de estos
tú y yo.
seguro que me ganas.
ya eres un hombre

pausa

¿qué quieres ser cuando seas grande?

SIMÓN

soldado.

ANTONIO *algo sorprendido*

(un oficial).

¿por qué?

SIMÓN

para tener un perro.

ANTONIO

¿te gustan los perros?

SIMÓN

mucho.

y quiero tener una pistola
también.

ANTONIO

¿una pistola?

SIMÓN

sí,
de aquellas *indicando a la cintura*
de las de ponerse aquí.

ANTONIO

pero para tener una pistola
no necesitas ser un oficial...

silencio corto

mira

retira la pistola del asiento de la silla de ruedas y se la muestra a SIMÓN.
ANDREA se pone muy incómoda.

toma.

SIMÓN

cogiendo la pistola con las dos manos
es pesada
y dura.

ANTONIO

la tuya es de plástico...
y no tiene balas.

SIMÓN

la mía sí tiene balas.

ANTONIO

ésta también

SIMÓN

y matan.

ANTONIO

claro que matan.
se apuntas bien
y aciertas.
sí,
claro que matan.

SIMÓN apunta con la pistola a ANDREA

¿y ahora?

pausa

carga el gatillo

SIMÓN, después de un gran esfuerzo y con ayuda de varios dedos, consigue cargar el gatillo. Se oye un estallido seco.

—
ANDREA, asustada, da un salto pequeño en la silla.

Silencio corto.

está atascada.

le quita la pistola

¿quieres matar a tu madre?

pausa corta

vete niño

ve a jugar para fuera.

SIMÓN salta de las piernas del abuelo y sale.

ANTONIO y **ANDREA** se quedan solos. se miran

CINCO

Noche. La sala está oscura, tan sólo iluminada por la luz que entra por la ventana. **ANTONIO** está sentado en la silla de ruedas, en silencio como a la espera. Unos momentos después, se oyen unos ladridos fuera, en la calle. Tranquilamente y sin hacer ruido, **ANTONIO** empuja la silla de la ruedas y llega al lado de la ventana. En cuanto hace esto, los ladridos cesan. **ANTONIO**, sentado y en silencio, observa la calle. Silencio largo, después del cual los latidos comienzan de nuevo. Sin ningún esfuerzo, con una enorme precisión y sin ningún sonido, **ANTONIO** se levanta de la silla de ruedas, abre la ventana lentamente y retira la pistola del asiento de la silla de ruedas. Los perros siguen ladrando. **ANTONIO** espera el momento exacto para tirar. Sigue un momento bastante tenso, durante el cual apunta y dispara y acierta sobre uno de los perros, que cae. Enseguida, y sin ningún tipo de prisa, cierra la ventana. Oscuro.

SEIS

*Día. Hay una marca más en la pared. **ANTONIO** está sentado en la silla de ruedas y **LUIS** en la silla. Los dos están con un periódico, cada uno leyendo el suyo. Durante la escena, se oye, más o menos distante el sonido de un helicóptero que parece que está vigilando la zona.*

ANTONIO

trasladaron la plaza
porque era demasiado bonita
para que estuviera en este lado de la ciudad.
el jardín, dicen,
era demasiado bonito.
y es que hay
demasiados pobres
y desalojados
en esa zona
que llenaban todo de inmundicia.
son pobres
tienen hambre
no tienen dinero
y tienen perros,
callejeros.
que ensucian el jardín.
hombres y perros
ensuciando.
no tengo ni idea
de cómo se consiguen alimentar.
o alimentar a los perros.

pausa

y así se fue.
la plaza.
el jardín.
malditos perros,
que se jodan.

silencio, hojea el periódico

¿y el deporte?
ya no se hace deporte.

LUIS

las reuniones populares
están prohibidas

ANTONIO

¿y han terminado con el fútbol?

¿ahora a qué se juega?

¿al ajedrez?

pausa

¿cuánto tiempo hace?

LUIS

¿de qué?

ANTONIO

de las prohibiciones

LUIS

desde que empezaron

a soltar los perros

durante la noche.

ANTONIO

tanto tiempo...

pausa

mira,

necesitan barrenderos.

no piden nada.

esto te interesa,

¿no?

silencio corto

página tres,

en los anuncios.

LUIS

estoy buscando

otra cosa.

ANTONIO

¿estás buscando

lo que no hay?

pausa corta

¿o lo que nunca va a aparecer?

pausa

¿por qué no levantas el culo

coges una escoba

y empiezas barriendo esta sala?

LUIS

soy tu hijo

no tu criado.

—

ANTONIO

no te necesito aquí.
no necesito un hijo.
ni una ama de cría.
¿me oyes?

pausa larga

¿me oyes?

pausa corta

¿tu madre no te dio ninguna educación?
¿tu santa madre no te enseñó a tener maneras?

pausa

si ella estuviese viva
no te comportarías así.
más te vale que vayas al cementerio
y escupas en su lápida,
sí,
por qué no levantas ese culo
te largas de aquí
pasas por el cementerio
y después vas a buscar un trabajo.

silencio

mantén a tu familia.
cuida de tu mujer.
cómprale un perro
al niño.

SIETE

*Día. **Antonio** está sentado en la silla de ruedas, con **Simón** a su lado.*

ANTONIO

Te voy a hacer un avión.

SIMÓN

¿no puede ser un helicóptero?

ANTONIO

¿un helicóptero?

¿y por qué

un helicóptero?

SIMÓN

es lo que tienen ellos.

ANTONIO

ellos.

SIMÓN

los soldados.

ANTONIO

los oficiales

SIMÓN

helicópteros

y perros.

ANTONIO

y pistolas

también.

SIMÓN

sí,

también.

pausa

mi padre

dice

que me va a regalar

un perro

para mi cumpleaños.

—
ANTONIO

ah, muy bien...

pausa

¿qué perro...

SIMÓN

interrumpiéndolo

uno de los grandes.

de los que andan por las calles.

de los que andan por las calles

por la noche.

Silencio

ANTONIO

son bien grandes.

pausa

y tu padre

te lo ha prometido...

SIMÓN

interrumpiéndolo de nuevo

¿me haces un helicóptero?

ANTONIO

un avión

coge una hoja de periódico del asiento de la silla de ruedas

venga, vamos

yo te enseño.

OCHO

Día. Hay una marca más en la pared. Antonio está sentado en la silla de ruedas y Luis está de pie, en la ventana, mirando hacia la calle.

ANTONIO

me acuerdo
me acuerdo de cuando tenías cinco
seis años,
la edad de tu hijo,
cuando había paz y libertad
libertad física y de expresión
no se importaban perros
y la noche era como
un segundo día
me acuerdo que en la plaza
en el jardín
durante el solsticio de verano,
la diversión había llegado a la ciudad.
la fiesta, el circo, los carruseles,
la música
había llegado a la ciudad
y a nuestros oídos también
y tú,
tú eras un niño,
saltabas entusiasmado
con nuestros paseos
nocturnos y diurnos,
en la plaza,
en el jardín
que ahora era parque de atracciones,
carruseles,
algodón dulce,
payasos,
fuegos artificiales,
globos,
un enorme frenesí,
una fiesta enorme y tu...
querías
montar en el carrusel.
eran minutos
vueltas
interminables
sentado en el caballo.
¿te acuerdas?

pausa

me acuerdo que

—
durante el solsticio de verano
en aquel verano
todo fue diferente
fue en aquella noche
sería de día o de noche
noche mientras era día
los perros se soltaron
los soltaron

silencio corto

de repente,
al fondo del parque
los sonidos de los niños
los gritos de los niños
se transformaron,
ya no eran gritos de placer
de felicidad
de diversión
sino gritos de miedo
y dolor.
fue en ese día
en esa noche que era día
en esa noche
que los soltaron
tomaron la ciudad
soltaron los presa canario
sobre...
todos.
los globos
(había globos por todos lados)
flotaban
como si el miedo los elevara.
confusión.
madres, padres.
gritos.
y de repente,
veo,
cerca,
un perro,
dos perros...
sobre el carrusel.
te cojo,
ellos se lanzan
te cojo
ellos se lanzan
sobre los niños,
los caballos del carrusel
se quedan...

—
comienzan a quedarse vacíos
lloran sangre
la música se para
te agarro
te cojo
mi mano
directa sobre tus ojos.
¿te acuerdas?

pausa

en ese día,
durante el solsticio,
la noche cayó.

silencio corto. Se oye, más o menos distante, el sonido de un helicóptero que

parece vigilar la zona.

LUIS

andan detrás
de ti.

NUEVE

*Noche. La sala está oscura, tan sólo iluminada por la luz que entra por la ventana. **LUIS** está sentado en la silla de ruedas, en silencio, a la espera. Se oyen unos ladridos fuera, en la calle. Momentos después, tiros. **LUIS** se levanta y va hacia la ventana. Los perros siguen ladrando. Después de unos instantes, **ANTONIO** entra jadeante.*

ANTONIO

Por poco.

andan más cerca.

ahora son más.

se sienta en la silla de ruedas a recuperar el aliento.

¿qué estás haciendo aquí?

LUIS

¿has matado alguno?

ANTONIO

como te dije

es cada vez más difícil.

LUIS

están cada vez más cerca.

ANTONIO

me huelen.

LUIS

¿tienes miedo?

ANTONIO

se nota que nunca

has olido la muerte.

pausa

de todos modos,

¿qué haces aquí?

LUIS

sólo te esperaba.

ANTONIO

bueno,

pues ya estoy aquí.

silencio. Se miran

—
LUIS

me voy entonces.

ANTONIO

muy bien

LUIS

¿ni uno?

ANTONIO

nada.

silencio corto. Luis sale.

DIEZ

*El día siguiente. **ANTONIO** está sentado en la silla de ruedas, duerme. **LUIS**, sentado en la silla, lee el periódico. Se oye, muy cerca y durante unos momentos, el sonido de un helicóptero.*

ANTONIO

despertándose, sobresaltado
han llamado a la puerta.
¿estás oyendo?
¿lo oíste?

silencio corto

la puerta
¿has oído?
¿vas a abrir?

LUIS

no.

ANTONIO

¿por qué no vas a abrir?

pausa

¿estás oyendo?
¿por qué no abres la maldita puerta?
¿por qué no vas a abrir la puerta, cabrón de mierda?

LUIS

no espero a nadie.

ANTONIO

ni yo tampoco.
abre la puerta

LUIS

pausa larga
ya no debe haber nadie.

ANTONIO

observando la puerta
¿quién será?

LUIS

¿estás seguro de que escuchaste la puerta?

ANTONIO

¿crees que estoy loco?

LUIS

yo no he oído nada.

ANTONIO

yo sí.

silencio. Luis sigue leyendo el periódico

LUIS

mira,
han llamado
otra vez.

ANTONIO

yo no he oído nada.

LUIS

han llamado.
vienen a buscarte.

pausa

¿no vas a abrir?

ANTONIO

¿tú estás mal de la cabeza?
te quieres quedar conmigo
cabró...

LUIS

interrumpiéndolo
yo no estoy esperando a nadie.

pausa corta

¿no vas a abrir?
deberías abrir.

ANTONIO

deberías aprender a tener respeto.

Silencio

¿y qué dice ahí?
¿alguna novedad?

LUIS

¿a ti te parece que publican novedades aquí?

ANTONIO

en los anuncios.

—

LUIS

nada nuevo.

silencio largo

ANTONIO

soñé que...
que entraban aquí dentro.
los soldados
con los perros.
decenas de ellos.

***LUIS** deja de leer el periódico y mira para **ANTONIO**.*

Lo escucha atentamente

los perros tenían...
tenían
nombres de personas.
de las personas.
les habían puesto a los perros
el nombre
de la primera persona
que ellos...
asesinaron:
Ricardo,
Manuel,
César,
Rolf,
ése debe haber matado a un alemán,
Margarita,
Gonzalo...
en medio de todos,
¿ya te he dicho que eran decenas?
había uno sin nombre.
un presa canario
sin nombre.
y un oficial,
decía que
iba a llamarle Antonio.

pausa

intenté sacar la pistola
pero mi cuerpo
mi brazo
la muñeca
sucumbieron
la pistola pesaba
toneladas.
intenté
con todas mis fuerzas.

—
con ambas manos
y
finalmente lo consigo
y apunto,
la pistola
que tiembla
con mi cuerpo.
y apunto al oficial
que decía
mi nombre,
por mí
y por el perro.
el gatillo
era de hierro,
intento apretarlo
con un dedo
con varios,
era de acero,
de piedra.
la pistola era
piedra y acero.
y no resistí.
no disparé.
y se hizo el silencio,
la sala estaba llena de perros
soldados
el oficial
todos en un silencio absoluto
se miraban
como si supieran
que no conseguiría
disparar.
que no podría.
y en ese silencio
(ni se oía ningún helicóptero)
de repente,
conseguí entender
escuchar mi corazón.
todos en la sala
escuchaban mi corazón
atentamente.
todo esto
mezclado con una tensión
insoportable.
podíamos oler la muerte.

—

yo
conseguía oler la muerte.
(mi propia muerte).
como un olor pegajoso
que se adhiere a la piel.
de repente,
mi corazón se paraba.
como una puerta.
como si alguien llamara a la puerta
con fuerza
y nada más.
después nada más.

ONCE

*Día. **ANTONIO** está sentado en la silla de ruedas. **ANDREA** está de pie, cerca de la puerta de la calle, con una maleta pequeña a su lado.*

ANTONIO

te vas.

ANDREA

de una vez por todas.

ANTONIO

¿y él? ¿y yo?

ANDREA

ya no aguanto más.

ANTONIO

¿y el niño?

ANDREA

ya no aguanto más
puñaladas.

silencio corto

ANTONIO

¿y ellos lo saben?

ANDREA

lo van a entender.

ANTONIO

¿qué es lo que
van a entender?
¿que no estás?
¿que desapareciste,
que te fuiste?

ANDREA

que no sigo aquí.
que no me quedaré aquí.

ANTONIO

¿y a dónde vas a ir?

ANDREA

no sé.

ANTONIO

sí lo sabes.

ANDREA

no te lo voy a decir.

ANTONIO

deberías llevártelo.

ANDREA

¿el qué?

ANTONIO

al niño.

ANDREA

cómo podría...

ANTONIO *interrumpiéndola*

llévatelo.

ANDREA

no puedo.

mirando la sala y viendo las señales en la pared

esto va a terminar

un día.

ANTONIO

tal vez. yo no pienso en eso.

ANDREA

andan cerca.

ANTONIO

¿tú

quieres que vaya contigo?

es eso.

ANDREA

no. no hagas tonterías.

no hagas ninguna estupidez.

no hagas nada.

sólo quiero salir de aquí.

no digas nada.

no digas nada más.

DOCE

*Comienza a ponerse el sol. **ANTONIO** está sentado en la silla de ruedas. En la ventana, aunque no se distinga muy bien, hay un soldado mirando hacia fuera. En una de sus manos tiene una correa de perro.*

ANTONIO

me estaba yo
diciendo
que no tengo ni idea de quien mata a los perros,
¿sabe?
son animales tan bonitos,
importados,
¿verdad?
he seguido todo
por los periódicos.
una gran pérdida.
he ido tomando nota
del número.

señalando con la cabeza en dirección a la marcas de la pared.

mire.
nuestra pérdida.
 pausa
esos cabrones
disidentes,
no deberían ser
ni ciudadanos.
deberían ser...

se interrumpe. Pausa corta. Con aire de repugnancia

mediocres
culpan a todo el mundo
menos a sí mismos.
nosotros conformamos
esa anti-élite
de inadaptados.
esa escoria.
esa basura.

pausa

sabe,
esos delincuentes
los disidentes
y los héroes
salen
de la misma especie humana.
eso creo yo.

lo creo firmemente.

pausa corta

el medio y las circunstancias
es lo que hacen que un joven cualquiera
milite o sea un perdido.
es una elección.
él
escoge.

pausa larga

el Hombre contiene
en sí
las mejores virtudes
y los instintos más bajos.
el arte de ser un buen ciudadano
consiste en favorecer unas y contener los otros.
tienen que reforzarse
por la existencia
de una moral,
de una disciplina.
sin eso...

*es interrumpido por el soldado que se gira en dirección a él.
El soldado es LUIS. Pausa*

¿y?

riéndose

¿no he sido convincente?

pausa corta

fue demasiado largo.

pausa

bueno, quítate eso.
no soporto el uniforme.
(no me puedo imaginar donde lo conseguiste).

pausa corta

no entiendo
cómo se te ocurrió
la idea
de aparecer aquí disfrazado de...

LUIS

me he alistado.

ANTONIO

sorprendido
¿qué?

LUIS

ahora soy un soldado.
Silencio

ANTONIO

aquella noche,
todo cambió.
yo cambié.
toda la ciudad cambió.
pero ahora,
mirándote
de nuevo
viéndote bien
pienso que
quizás
nada haya cambiado.
no deja todo de...

se interrumpe. Pausa

yo y las personas
como yo
los disidentes
no somos más que dinosaurios,
¿es eso?

pausa corta

y vosotros,
porque ahora tú eres uno de ellos,
sois la edad de hielo
que los eliminó.
que los elimina.
uno a uno.
vosotros
sois
la prolongación
de la naturaleza.
que sigue su curso.
no deja todo de ser...
de ser el curso normal,
¿verdad?
de los más fuertes sobre los más débiles.

pausa corta

¿pero los más fuertes
no deberían defender a los más débiles?

pausa

¿cómo has podido hacerme esto?
¿ya no te acuerdas de aquella noche?
¿cuando eras más débil?
cosa que todavía eres...

LUIS

ya no lo seré más.

ANTONIO

un uniforme
no va a cambiar eso.
ni un perro.

LUIS

este uniforme
y esta correa
van a cambiar todo.
mi vida.
la de mi hijo.
todo.
y tú,
te sentirás impotente
viendo todo eso.
igual que en tu sueño.

ANTONIO

bueno...
finalmente,
conseguiste un empleo.
un trabajo...

LUIS

interrumpiéndolo y corrigiéndolo
el trabajo.

Silencio

ANTONIO

¿dónde está el perro?

LUIS

está abajo.
con Simón.

pausa

los veo desde aquí.

Pausa

ANTONIO

¿tiene nombre?

LUIS

todavía no.
pero va a tener uno
dentro de poco.

ANTONIO

tú estás mal de la cabeza.
lárgate de aquí.

pausa

vete a vivir
toda tu vida
como un soldado.

LUIS

como un oficial.
me van a ascender.

ANTONIO riéndose
ascender.
¿tan pronto?

LUIS

sí.
va a ser muy rápido.

ANTONIO

anda, vete.

LUIS

no puedo.
estoy esperando.

ANTONIO

¿qué?

LUIS

estoy esperando que anochezca.
silencio corto

ANTONIO

¿me has denunciado?

pausa corta

soy tu padre.
cabrón de mierda.

*saca la pistola del asiento de la silla de ruedas y apunta a **LUIS***

vete.

LUIS

no.

—

ANTONIO

te meto un balazo
en mitad de los ojos.

LUIS

no vas a hacer eso.

ANTONIO

¿no?

LUIS

no vas a poder hacerlo.

pausa

ANTONIO

¿y cómo lo sabes?

LUIS

la noche cae.

van a soltar los perros.

y yo

escucho tu corazón.

oscuro lento



centro de
dramaturgia
contemporânea